



<b>Veículo:</b> O Liberal		
<b>Data:</b> 23/04/2017	<b>Caderno:</b> Poder	<b>Página:</b> 14
<b>Assunto:</b> Ostreicultura		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Espontânea	<b>Classificação:</b> Neutra

# Ostras são alternativa para a economia

## PRODUÇÃO

Produtores recebem orientação científica para ampliar o cultivo no Estado

**VITO GEMAQUE**  
Da Redação

Comunidades de pescadores paraenses descobriram no cultivo da ostra - a ostreicultura - o caminho para um mercado aberto. O molusco se transformou no principal sustento de sete localidades ribeirinhas do nordeste paraense e a produção já abastece restaurantes e hotéis. Elas produzem, hoje, 600 mil ostras por ano.

De acordo com o professor adjunto do Campus Bragança da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisador Dioniso de Souza Sampaio, a ostreicultura paraense vem se tornando uma alternativa de geração de renda para aproximadamente 80 famílias. A produção de ostras no Pará entrou nas estatísticas do IBGE em 2013, com 8.250 quilos nos municípios de Curuçá e São Caetano de Odivelas, movimentando cerca de R\$ 50 mil. Em 2015, a cadeia

produtiva da ostreicultura movimentou R\$ 217 mil, com uma produção de 38.240 quilos nos municípios de Augusto Corrêa, Salinópolis, Curuçá e São Caetano de Odivelas.

Dioniso desenvolve tese de doutorado em Biologia Ambiental intitulada: "Ostreicultura no Nordeste Paraense: Estado atual e perspectivas para sustentabilidade", sob orientação do professor doutor Colin Robert Beasley, do Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental do Campus Bragança, para identificar suas características relacionadas ao meio ambiente, a produtividade e o impacto socioeconômico nas comunidades.

Atualmente, a ostreicultura é desenvolvida em cinco municípios no Estado: São Caetano de Odivelas (Pererú de Fátima e Vila Pererú); Curuçá (Lauro Sodré e Nazaré do Mocajuba); Maracanã (Nazaré do Seco); Salinópolis (Santo Antônio do Urindeua) e Augusto Corrêa (Nova Olinda).

Uma das comunidades que vem se destacando é o grupo da Associação de Agricultores e Aquícolas de Nova Olinda (Agromar), do município de Augusto Corrêa. O pescador Miguel Reis, 50, lembra que tudo começou quando uma pesquisa científica apontou a possibilidade de cultivo da os-

A ostreicultura, além de se transformar na principal forma de renda para os 19 associados da Agromar, também ajudou a preservar o meio ambiente. Com a criação dos cultivos, o impacto do extrativismo no meio ambiente diminuiu. "A importância é que a gente conseguiu gerar emprego e renda. Outra grande importância é que ela é um animal que tra na região. O objetivo agora é expandir o negócio. "Temos uma rede de clientes pelo Estado e temos 45% da ostra produzida no Estado em Nova Olinda, uma produção considerada neste sentido e pensamos em elevar mais a produção, trabalhamos para isso", conta.

estava em extinção, porque a população pegava de qualquer jeito. A gente conseguiu manter o produto no mercado preservando o meio ambiente. A consciência da gente agora é evitar trabalhar de forma predatória ou indevida", destacou. Os agricultores até procuraram o Instituto Evandro Chagas para atestar a qualidade e a boa procedência das ostras.



**Ostras: cultivo no nordeste paraense já garante renda para cerca de 80 famílias**